

## Glória

É muito difícil a glória feita na província, sem o ba-fejo da metrópole, sem a famosa máquina da propaganda naturalmente montada, promovendo ou reconhecendo talentos, conferindo diplomas de gênio, fazendo a fácil irradiação de nomes que posarão para panteons e placas de rua. Que existir existe, para confirmar a regra, mas é sem dúvida muito difícil transferir para âmbito mais largo a glória municipal.

De glória da província, aliás do interior, dou notícia duma, que conheci pessoalmente, uma certa Glória loura, alta, flamejante e vistosa, que contava com uma permanente campanha da sociedade local, ao mesmo tempo em que era apoiada por todo o destacamento, do sargento ao soldado, prestigiada pelo chefe político, festejada pelos rapazes da paróquia e incensada pelas meninas suas pupilas. Carregava o título de Madame, além de outros que valorizavam o seu currículo.

Bem me lembro dela, de vê-la à distância, de ouvir os reprovadores comentários na casa do meu avô e as elogiosas referências dos empregados na farmácia do meu pai. Um dia veio comprar alguma coisa, um daqueles embrulhinhos já feitos, sene-com-maná, se não me engano — e eu me precipitei para atendê-la, entreguei-lhe o remédio e o recebi da sua mão quente o pagamento, uma moeda. Mas Joaquim, o empregado rapazola, me



fez devolver a moeda e explicou, muito cavalheiro: — Não é nada, Madame. Foi assim que, indiretamente, e sem saber, meu pai pagou a purga da Glória.

Quando fazia o circuito do comércio — e o fazia sempre de manhã — acompanhada de duas ou três pequenas, algumas que eram cunhãs de cozinha e trocaram as prendas domésticas pelas alegrias da zona das Madalenas — os honrados senhores comerciantes, os mesmos que nas rodas de cadeiras na calçada, à noite, faziam coro na campanha contra Glória, acudiam à porta do estabelecimento. E se acaso a sua loja era eleita para uma compra, atendiam solícitos, com regalo dalma e riso velhaco, faziam diferença de preço e diziam coisinhas de sentido dúbio.

Glória fazia essas incursões comerciais como artista desfilando em palco e pontificava sobre modas, recusava-se a comprar alguns tecidos que os caixeiros sugeriam como “último grito” pois as senhoras vinham comprando muito, ultimamente. — Ah, não, meu filho, dizia Glória, muito segura do seu bom gosto. Isto já está fora de moda, há muito tempo. E ria motejadora e superior.

De como aportou lá na minha terra, não sei. Contavam que fora casada e se desgraçara com um homem vocacionalmente traído e que o pai, de alguma pecúnia, matuto rancoroso, sucumbira de desgosto ao testemunhar o destino da filha. Não se podia dizer que era a ovelha negra da família, porque tinha os cabelos louros, por virtude de muita água oxigenada, mas que era tresmalhada não havia dúvida. E desgarrou no rumo de Fortaleza, depois ganhou o caminho do outro sertão, distante do seu, donde dificilmente a família teria notícia.

Também me lembro quando morreu uma das inquilinas das Madalenas (era assim que o povo as tratava) e Glória, na impossibilidade de fazer um enterro condigno, deu-lhe pelo menos uma vigília generosa, com flores, velas e a pinga correndo copiosamente. Dia seguinte, por volta das sete horas, debaixo duma chuva fina e cons-



tante, passou o cortejo na esquina lá de casa, nenhum homem acompanhando, elas próprias segurando a alça do caixão, sem as cerimônias da igreja, sem a encomendação do corpo, sem padre, sem toque de sino, sem terreno sagrado no cemitério. E reconhecemos entre as acompanhantes, Maria Auxiliadora, que fora cozinheira do Seu Luiz Nelson, nosso vizinho.

Pouco depois rebentou a bomba dos amores de Glória com o filho do Prefeito: estava o moço ardendo numa paixão de recém-saído da adolescência e já tomava atitudes em público, que a cidade não podia ignorar, nem aprovar. E um filho da Glória, que não seria o primeiro, segundo se dizia, anunciou-se. E o moço queria o filho, estava empolgado com aquele amor de mulher trintona que o tinha preferido, a ele, apesar de toda a corte que a rapaziada e os homens ricos faziam à Madame.

Soube-se duma conversa violenta entre pai e filho, ameaça de maldição, expulsão de casa sem dinheiro e sem bênção, choro da mãe aflita, rogos das irmãs — todo aquele conhecido cortejo de lamentações e de ranger de dentes, que tinha de vir no caso, inevitavelmente, dentro dos moldes da época.

E se teve notícia também duma conversa paralela do coronel com a própria Glória — e entre os dois, segundo se dizia, não foi ela quem baixou a cabeça. Pois não eram estranhos, diga-se a bem da verdade, já tinham arruhlado d'amor quando a Madame se instalara de novidade na cidadezinha calmosa.

De como Glória resolveu partir, também não sei. Mas juro que não fugiu, nem saiu altas horas. Embarcou de trem, dentro dum casaco bem talhado, que lhe dava dignidade de senhora aguardando a cegonha: segura, enxuta de lágrimas, a boca vermelha de batom demais.

E se mais não conto é por prudência. O filho da Glória pode ser muito vosso conhecido.